

Reflexão: O desenvolvimento da autoestima em contexto de Educação de Infância

Mariana Atanásio, N° 2036909.

Universidade da Madeira, Centro de Competência das Ciências Sociais,

Departamento de Ciências da Educação, Funchal,

1.º Ciclo em Educação Básica, 3º Ano, Iniciação à Prática Profissional VI

Reflexão

A presente reflexão tem por base um momento observado na prática realizada com o grupo da Pré II, da Escola do 1º ciclo com Pré-escolar da Fonte da Rocha. Em seguida transcreve-se a descrição dessa mesma situação.

No dia 30 de abril, na hora da refeição que decorre na cantina da escola, as crianças estavam dispostas nos respetivos lugares iniciando a sua refeição quando uma criança dirige-se à educadora cooperante e às alunas. Esta criança encontrava-se a chorar e relatou aos adultos o conflito ocorrido com um colega que, ao que parece, bateu-lhe. A reflexão decorre não desta situação, mas da atitude adotada pela educadora cooperante na gestão deste conflito. A educadora, em resposta ao comportamento da criança, dialogou advertindo que era a própria que tinha de resolver a situação e falar com o colega, argumentando: *De certeza que não consegues resolver esse problema?* A intervenção da educadora deixou implícito que é necessário dar às crianças espaço para resolverem as suas questões e dificuldades. Contudo, mostrou-se disposta a ajudá-la posteriormente, caso a situação continuasse. Torna-se assim importante dar alguma liberdade às crianças, incentivá-las ao à autonomia, transmitindo sempre um sentimento de segurança para que esta se sinta capaz de agir autonomamente e resolver os seus conflitos.

Esta situação remete para a importância da Educação Pré-escolar como a primeira etapa da educação, onde é proporcionado às crianças diversas situações com

vista à construção de aprendizagens integradoras e o desenvolvimento global das crianças. Neste desenvolvimento global da criança perspectiva-se a promoção do seu desenvolvimento pessoal e social, por meio das experiências vivenciadas neste contexto.

O educador deve organizar a sua intervenção educativa e, se necessário, o espaço em virtude do desenvolvimento de contextos onde as crianças possam adquirir atitudes que lhes permitem agir socialmente, no âmbito de uma educação para as atitudes e valores. Neste sentido, aponta-se que o educador deve apoiar e fomentar “o desenvolvimento afetivo, emocional e social de cada criança” (Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto, Anexo nº 1, II – *Concepção e desenvolvimento do currículo*). Por outro lado, “as relações e interações que o educador estabelece com cada criança e com o grupo, a forma como apoia as relações e interações entre crianças no grupo, são o suporte dessa educação” (Orientações curriculares para a Educação Pré-escolar, 1997, p. 52)

A situação inicialmente descrita enquadra-se na área de formação pessoal e social definida nas Orientações Curriculares para o Pré-escolar. Não obstante o desenvolvimento das restantes áreas, esta em particular visa o desenvolvimento de atitudes e comportamentos necessários para o sucesso individual e para a vida em sociedade, por meio da socialização e interação com os outros. Pois é nesta interação que a criança é confrontada com dilemas e situações que desencadeiam a requisição de determinadas atitudes, como por exemplo a autoestima ou mesmo a resiliência. Nesta ordem de ideias, Castro (1992, p. 114, citado por Almeida, 2010, p.21) refere que “a formação pessoal e social da criança acontece sempre que existe interação com os diferentes atores educativos, onde ocorre o diálogo, numa sequência de estímulo-resposta-(reforço) e emergem novos contextos ou situações que promovem o

desenvolvimento da autoestima, competência relacionais, capacidade de resolução de problemas, responsabilidade e liderança”.

Na citação acima exposta, são mencionados alguns aspetos fundamentais para a formação pessoal e social, centrando-se especificamente no desenvolvimento da autoestima e na capacidade de resolução de problema. Salienta-se estes últimos aspetos uma vez que estão intimamente ligados à questão inicialmente referida. Pois a educadora ao tomar aquela atitude, incentivou a própria criança a resolver os seus conflitos e problemas, sendo que desta forma estava a estimular o seu desenvolvimento pessoal, de autoestima.

Ainda em relação a estas questões, focando agora a autoestima, Katz (2006) acredita que “as crianças não desenvolvem a autoestima a partir de elogios vazios e excessivos, reforçados com ursinhos sorridentes que dizem “És especial”. A autoestima é fortalecida quando as crianças, ocasionalmente, passam por experiências que lhes permitem ultrapassar dificuldades, lidar com momentos difíceis, valorizando o seu próprio progresso”. (Katz, 2006, p. 10)

Muitas vezes fala-se no desenvolvimento da autoestima e de ambientes que a possam estimular sem ter presente o que significa e as suas implicações. Opta-se por pôr em prática os “elogios vazios excessivos” admitindo que estes serão os pilares do desenvolvimento da autoestima na criança. Ora, os elogios ocupam um papel importante na valorização da criança e na afetividade no entanto, mas não serão apenas estes os factores que poderão estimular o desenvolvimento da autoestima. É necessário que seja a própria a lidar com as suas dificuldades e problemas, no sentido de as conseguir ultrapassar e valorizar as suas conquistas. Neste caminho, o educador encarna o papel de orientador e suporte da criança ao longo das experiências vivenciadas,

principalmente quando a mesma acha que não consegue resolver qualquer situação, sendo problemas, realização de atividades, entre outros.

A autoestima é definida por Miras (2002) como sendo “a avaliação afectiva que fazemos do nosso autoconceito em seus diferentes componentes, ou seja, como a pessoa se valoriza e se sente em relação às caraterísticas que se auto-atribui”. (Miras, 2002, p. 211) Ainda nesta ordem de ideias, Alcántara (1991) refere que é “uma atitude para consigo próprio (...) uma estrutura funcional de maior eficácia e solidez, que engloba e orienta todo o dinamismo humano. A autoestima é a meta mais elevada do processo educativo e o eixo e centro da nossa forma de pensar, sentir e atuar.” (Alcántara, 1991, pp.17, 18).

Já Papalia, Olds & Feldman (2001) apresenta-a como o “julgamento que cada pessoa faz do seu próprio valor.” (p. 356)

Como visto nas referências acima citadas, a autoestima é um conceito que envolve uma complexidade de ideias e da própria perspectiva do desenvolvimento humano. Contudo, tendo por base as ideias apresentadas, resume-se a autoestima como senso à visão que se constrói de si próprio, resultante das experiências e contextos que presenciou e que contribuíram para a definição da sua forma de pensar e atuar perante o mundo.

Postas estas indicações, coloca-se a questão: será que as crianças em idade de Pré-escolar já detêm esta percepção da autoestima e das ideias nela implicadas? Relativamente a este tema, Harter (1990, citado por Papalia et. al 2001, p. 356) menciona que “as crianças só conseguem articular um conceito de valor pessoal por volta dos 8 anos mas, antes disto, mostram que já o possuem através do seu comportamento”. Estes comportamentos são retratados através das atitudes das crianças perante as diversas situações, onde demonstram atitudes de confiança, de curiosidade,

de desejo de explorar (Papalia et. al, 2001), além disso a capacidade de resiliência, importante quando as crianças são capazes de ultrapassar as dificuldades de uma forma positiva. Desta forma, numa perspetiva ecológica do desenvolvimento humano, todos os contextos onde a criança está inserida, onde preconiza as suas ações e constrói a sua identidade são fulcrais para o desenvolvimento de atitudes e valores, nos quais estão implícitos a autoestima.

Destes contextos, salientam-se a família e a escola (salientando o jardim de infância) que são os contextos imediatos e mais próximos da criança. A família, como suporte fundamental ao desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança, tem de facultar um ambiente estimulante, que forneça apoio e valorização, promovendo a aquisição de atitudes necessárias à sua integração na sociedade, entre elas a autoestima. Por outro lado surge o contexto escolar, ao qual já se vem atribuindo algumas funções ao longo desta reflexão e reforça-se ainda o seu papel. Sendo o Jardim de infância um espaço apto para o desenvolvimento de situações com vista à formação dos indivíduos, o educador deve ser mediador de aprendizagens e estimular a criança para que seja o principal ator da sua ação, das suas aprendizagens e da resolução das suas dificuldades e conflitos, ser um indivíduo resiliente. As experiências vivenciadas neste primeiro contexto serão contributos essenciais para uma autoestima positiva, pois estes sentimentos podem perdurar até a fase adulta.

Bibliografia

- Alcántara, A. José. (1991). *Como educar a auto-estima*. Plátano Edições Técnicas: Lisboa;

- Almeida, M. Laurinda. (2010). *(Des)ocultando actores, tempos e espaços da 1ª etapa da educação básica*. Universidade de Aveiro, Departamento de Ciências da Educação.
- Coll, César; Marchesi, Álvaro; Palacios, Jesús. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Artmed: Porto Alegre.
- Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto;
- Katz, Lilian. (2006) *Perspectivas actuais sobre a aprendizagem na infância* in Saber (e) Educar 11, pp 7-21. (documento cedido pela docente da Unidade Curricular de Iniciação à Prática Profissional VI);
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Departamento de Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-escolar: Lisboa.
- Papalia, E. Diana; Olds, W. Sally; Feldman, D. Ruth. (2001). *O Mundo da Criança*. McgrawHill: Portugal.